

Taiwan escolhe líder ainda mais anti-China

Atual vice, Lai Ching-te alcançou 40% e foi favorecido pela divisão da oposição; Pequim questiona representatividade

Nelson de Sá

TAIPEI Lai Ching-te, 64, do Partido Democrático Progressista (PDP), candidato mais favorável à independência da ilha, venceu as eleições e será presidente de Taiwan nos próximos quatro anos, após votação neste sábado (13). Sua posse deve ocorrer em 20 de maio. Ele alcançou 40,1% dos votos, contra 33,5% de Hou Yu-shih (Kuomintang, KMT) e 26,5% de Ko Wen-je (Partido do Povo de Taiwan, PPT). Lai é o atual vice, e sua eleição representa a inédita terceira vitória seguida para um partido na ilha. Em pronunciamentos, Hou e Ko reconheceram a vitória do adversário. Defensores da retomada dos contatos com a China, os dois chegaram a anunciar uma chapinha única mas não conseguiram acordo sobre quem seria o candidato. O porta-voz do Escritório para Assuntos de Taiwan, Chen Binhua, disse em Pequim que os resultados mostram que o PDP "não pode representar a opinião pública na ilha". afirmou que as eleições "não vão impedir a reunificação". "Nossa determinação é firme como uma pedra". Em seu discurso de vitória, com pausas para tradução em inglês, Lai começou saudando

a própria eleição. "Nós mostramos ao mundo o quanto valorizamos a nossa democracia", disse. "Este é o nosso compromisso inabalável". Depois acrescentou que o resultado foi uma mensagem à "comunidade internacional de que, entre democracia e autoritarismo, ficamos do lado da democracia. A República da China [nome oficial da ilha], Taiwan, vai continuar a caminhar ao lado das democracias ao redor do mundo". Especificamente sobre Pequim, afirmou: "Sob a premissa de igualdade e paridade, usaremos intercâmbios para substituir o obstrucionismo, o diálogo para substituir o confronto e buscaremos com confiança intercâmbios e cooperação com a China. Isso fará avançar o bem-estar das pessoas de ambos os lados do Estreito de Taiwan e alcançará o nosso objetivo de paz e prosperidade comum". O líder eleito ressaltou porém que "no mesmo tempo, estamos também determinados a salvaguardar Taiwan de contínuas ameaças e intimidações por parte da China". Lai agradeceu os telefonemas de congratulação dos adversários e, citando o desempenho de ambos na eleição para o Legislativo, disse

que espera que eles possam "trabalhar juntos". Ainda sem números finais, é certo que não haverá partido com maioria, o que deve forçar uma composição para a escolha de premiê e parte do gabinete. "O PDP não manteve uma maioria, isso significa que nós temos que trabalhar juntos", destacou. "Eu defenderei o espírito de união democrática. Independentemente do partido, devemos escolher as pessoas pelo talento. E priorizaremos questões que sejam consenso entre todos os partidos". Em seu pronunciamento aceitando a derrota, Hou havia aconselhado Lai a buscar unidade com os partidos de oposição, diante dos "desafios, a crise no estreito, as relações complicadas entre EUA, China e Taiwan, para que o povo possa viver com segurança". Marcadamente anti-China, Lai durante a campanha buscou se afastar de declarações anteriores, em que descrevia a si mesmo como "um trabalhador pragmático pela independência". Passou a dizer que Taiwan já é independente, como República da China. Mas delízes na reta final mostraram que sua capacidade de moderação é limitada. No único debate entre os candidatos, há duas semanas,

40,1%

É a porcentagem de votos que Lai Ching-te, o candidato governista, recebeu na votação. Seus adversários, Hou Yu-shih (Kuomintang) e Ko Wen-je (Partido do Povo de Taiwan), tiveram 33,5% e 26,5% respectivamente

69%

É a taxa de participação dos eleitores taiwaneses nesse pleito. O índice foi menor que os 75% de 2020. Atribui-se ao menor engajamento dos jovens

20.maí

É a data prevista para posse de Lai Ching-te. Seu mandato deve durar quatro anos

falou que não se pode confiar na Constituição da República da China para negociar com Pequim, indicando que poderia buscar mudanças. Foi uma divergência frontal com a postura histórica da presidente Tsai Ing-wen, também do PDP, mas mais conciliatória. "Esse tipo de comentário de Lai no mínimo levanta dúvidas quanto à sua capacidade de manter disciplina ao abordar questões sobre o estreito", disse Amanda Hsiao, analista do think tank europeu Crisis Group, durante a transmissão da TV pública de Taiwan. Agora, o presidente eleito pareceu fazer uma correção: "Manter a paz no estreito é uma missão importante para mim. Respeitarei a Constituição da República da China". Não à toa, Lai foi contido e falou pausadamente. Para Hsiao, tanto Pequim quanto Washington vão medir as palavras dele até a posse, "num teste de como Lai se comporta, sobre segurança nacional e outros assuntos". Ela acredita que o pronunciamento mais significativo será aquele a ser feito em 20 de maio. A eleição foi acompanhada com atenção por China e EUA, inclusive com uma reunião que tratou do tema em Washington, na véspera, en-

tre o chefe do Departamento Internacional do Partido Comunista, Liu Jianchao, e o secretário de Estado, Antony Blinken. Em Pequim, também um dia antes, o porta-voz do Ministério do Exterior, Mao Ning, afirmou que, "qualquer que seja o resultado, ele não vai mudar o fato básico de que Taiwan faz parte da China e de que só existe uma China". Foi horas depois de a Defesa afirmar que iria "estagnar qualquer plano separatista". Nas primeiras horas da votação, que começou às 8h de sábado (14 de sexta em Brasília), a hashtag Eleição em Taiwan chegou ao alto da rede social chinesa Weibo. Mas acabou sendo derrubada, com o aviso "o conteúdo deste tópico não está sendo exibido, de acordo com as normas". As urnas foram fechadas às 10h (3h em Brasília). O comparecimento foi inferior ao da última eleição, 69% contra 78% em 2020. Um dos motivos seria a desmobilização dos jovens, atentos a problemas que não tiveram ressonância na campanha. Os candidatos votaram sem incidentes nos seus distritos. Lai em Taiwan, no sul da ilha; Hou em Nova Taipé, onde é prefeito; e Ko em Taipé, onde foi prefeito.



O presidente eleito de Taiwan, Lai Ching-te, do Partido Democrático Progressista (PDP), comemora vitória nas urnas durante comício com colegas e apoiadores em Taipé. *AP Wire/Reuters*

Washington não apoia independência de Taipé, reforça Biden

SÃO PAULO O presidente Joe Biden reiterou neste sábado (13) que os Estados Unidos não apoiam a independência de Taiwan. Com a declaração, o democrata reforça a posição oficial de Washington depois que os eleitores taiwaneses elegeram como presidente um candidato ainda mais anti-China que o governante atual, no qual ele era vice. Lai Ching-te, do Partido Democrático Progressista (PDP), alcançou 40,1% dos votos, contra 33,5% de Hou Yu-shih (Kuomintang, KMT) e 26,5% de Ko Wen-je (Partido do Povo de Taiwan, PPT). Antes da abertura das urnas, os EUA haviam alertado que "seria inaceitável" que "qualquer" país interferisse no pleito. Com o resultado, Biden foi questionado por jornalistas sobre uma resposta tão protocolar quanto enfática: "Não apoiamos a independência de Taiwan".

Ele acrescentou que Wa-

shington espera trabalhar com Lai e líderes de todos os partidos em Taiwan para promover seu "relacionamento não oficial de longa data, consistente com a política dos EUA de 'uma só China'". A Casa Branca temia que a eleição, a transição e a nova administração aumentassem o conflito com Pequim. Biden tem trabalhado para suavizar as relações com a China, uma missão que incluiu um raro encontro presencial com Xi Jinping na Califórnia, em novembro do ano passado. No mesmo dia da cúpula, o secretário de Estado, Antony Blinken, chefe da diplomacia americana, parabenizou Lai Ching-te por sua vitória e disse que os Estados Unidos "estão comprometidos com a paz e a estabilidade no Estreito e a resolução pacífica das diferenças, incluindo o comércio e o investimento".

Parabenizamos Lai Ching-te por sua vitória nas eleições de Taiwan. Felicitamos também o povo de Taiwan por participar em eleições livres e justas e por demonstrar a força do seu sistema democrático

Antony Blinken
secretário de Estado dos EUA

brevemente o resultado do pleito, o do Reino Unido descreveu as eleições como "um testemunho da vibrante democracia na ilha". O ex-premiê e atual chanceler britânico, David Cameron, afirmou esperar que o resultado "renove esforços para resolver diferenças de forma pacífica", em referência também a Pequim. No mesmo sentido, a chanceler do Japão, Yoko Kamikawa, afirmou que espera que o novo governo sob Lai Ching-te "contribua para a paz e a estabilidade da região". Em tom mais ácido, a Rússia, a aliana da China e do presidente eleito, Donald Trump, falou por telefone com o presidente da República das Ilhas, Tsai Ing-wen, e parte integrante da China, não um território independente. Taiwan diz que já têm expectativas de que a China tentará cooptar os novos governos locais. Isso pode se dar por

meio da realização de manobras militares perto da ilha, por exemplo, uma vez que Pequim nunca renunciou ao uso da força para garantir que Taipé siga sob o seu controle. Numa demonstração de apoio ao governo, Biden planeja enviar uma delegação não oficial, formada por democratas e republicanos, para a ilha autônoma, de acordo com relatos de autoridades. Seria uma reedição de eventos semelhantes ocorridos no passado. A China ficou irritada em 2016, quando o presidente eleito, Donald Trump, falou por telefone com o presidente da República das Ilhas, Tsai Ing-wen, e parte integrante da China, não um território independente. Taiwan diz que já têm expectativas de que a China tentará cooptar os novos governos locais. Isso pode se dar por